





APRESENTAÇÃO

Caros professores de História, Linguagem, Arte e áreas afins da Educação Básica que trabalham a História/Temática Indígena e, que contribuem para a implementação da Lei nº 11.645/08, o *Site Didático: A Presença de Povos Indígenas em Vila Maria do Paraguai (1778) e São Luiz de Cáceres (1874)*, foi elaborado para divulgar o contato dos indígenas Chiquitano, Bororo, Guató, Guaná e os não indígenas, em Vila Maria do Paraguai e na cidade de São Luiz de Cáceres, durante os anos de 1778 a 1854.

Neste *Site* é um produto final que pensando junto ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória/Unemat, quando optei pela Linha de Pesquisa – Saberes Históricos no Espaço Escolar – cuja perspectiva considera a necessidade do professor de se qualificar continuamente visando melhorias no processo de ensino e aprendizagem no ensino de História, além de considerar as especificidades de saberes e práticas discentes e docentes.

Desta forma, para que este produto pedagógico atinja o maior número de professores o Site Didático dá visibilidade a história e culturas dos povos indígenas Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná e o protagonismo indígena em conexão com a História Local de Vila Maria do Paraguai e São Luiz de Cáceres, atual Cáceres MT.

No *Site Didático*, os povos indígenas, Vila Maria do Paraguai e São Luiz de Cáceres podem ser acessados pelos *links* elencados, tendo-se várias sugestões de obras, produções acadêmicas (artigos, dissertações, teses), produções bibliográfica e historiográficas referente aos povos indígenas, em especial os Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná. Ademais, a Temática Indígena e o Ensino de História podem ser melhor ilustradas com acesso aos diversos *links* contendo documentários e vídeos de povos indígenas.

Mestre: Luciana Martinez de Oliveira Costa

Professora de História da Educação Básica do Estado de Mato Grosso

Programa: Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória/Unemat

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marli Auxiliadora de Almeida - PRFOHISTÓRIA UNEMAT

Produto final da dissertação de Mestrado ProHistória: *A Presença de Povos Indígenas Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná em Vila Maria do Paraguai e São Luiz de Cáceres (1778-1874): Uma Abordagem de Temática Indígena Na Educação Básica*





SUMÁRIO

1.	Produto Pedagógico – <i>Site</i> Didático – A Presença de povos indígenas em Vila Maria do Paraguai (1778) e em São Luiz de Cáceres (1874).....	04
02	Tecnologia Digital no Ensino de História e a Construção do <i>Site</i> Didático: http://www.vilamariadoparaguai.com.br/	05
03	<i>Site</i> Didático	09
04	Ações simples podem levar ao aprendizado: orientar os alunos a pesquisar em <i>Sites</i> : Didáticos	16
05	Referências Bibliográficas.....	19



1. Produto Pedagógico – *Site Didático* – A Presença de povos indígenas em Vila Maria do Paraguai (1778) e em São Luiz de Cáceres (1874)

Deriva do trabalho dissertativo de Mestrado, intitulado *A Presença de Povos Indígenas Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná em Vila Maria do Paraguai e São Luiz de Cáceres (1778-1874): Uma Abordagem de Temática Indígena Na Educação Básica*, como parte resultante a proposta de um produto pedagógico junto ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA/UNEMAT, ao qual denominamos *Site Didático – A Presença de povos indígenas em Vila Maria do Paraguai (1778) e em São Luiz de Cáceres (1874)*, sob o Link: <http://www.vilamariadoparaguai.com.br>, sendo um suporte de informações direcionado ao professor História e à Educação Básica para a abordagem da Temática Indígena,

Em especial, o *Site Didático* traz uma nova abordagem sobre a história de contato dos indígenas Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná com não indígenas na Vila Maria do Paraguai e na cidade de São Luiz de Cáceres durante a colonização portuguesa e luso-brasileira em Mato Grosso.

A propósito da concepção do *Site Didático*, os referenciais teórico-metodológicos provém dos estudos do campo da História Indígena e do Ensino de História, em conexão com análises sobre o uso da tecnologia digital utilizados na produção de materiais didáticos.

Para acessar o *Site Didático*, os interessados poderão entrar no link <http://www.vilamariadoparaguai.com.br>. Assim sendo, em destaque os povos indígenas no cotidiano de Vila Maria¹ e da cidade de São Luiz de Cáceres, cujas relações históricas e culturais analisamos na referida dissertação de mestrado, que tematiza os povos indígenas Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná e os não indígenas na transição do Setecentos para o Oitocentos. Ademais, evidenciamos aspectos da história local e a conformidade da Lei n.º 11.645/08.

¹ O Nome original de “Vila Maria do Paraguai” foi atribuído pelo governo português em homenagem à rainha D. Maria I, todavia, no decorrer desta produção optamos por utilizar a terminologia “Vila Maria”, e “Vila Maria do Paraguai”, quando citarmos as fontes.



Desta forma, o *Site* Didático visa contribuir com os projetos de formação continuada destinados aos professores de História e outras disciplinas que trabalham com a Temática Indígena na escola, por acreditar que o professor necessita de estar “[...] intregado à dinâmica de produção em seu campo de conhecimento [...] desde a participação em cursos e encontros até a leitura de publicação pertinentes e o diálogo com colegas de trabalho.” (GUIMARÃES, 2012, p. 137).

Em suma, o Site Didático foi pensando como um produto pedagógico viável e prático para auxiliar profissionais da educação pública no que tange ao diálogo com as diferentes fontes historiográficas que tematizam sobre os povos indígenas, em especial os que contribuíram para o povoamento de Vila Maria e São Luiz de Cáceres.

2. A Tecnologia Digital no Ensino de História e a Construção do *Site* Didático: **<http://www.vilamariadoparaguai.com.br>**

Atualmente, no espaço escolar discute-se muito sobre o uso da tecnologia digital, a medida que aumenta-se a tensão e desinteresse dos jovens em relação aos conteúdos escolares ensinados em sala de aula parametrizados pelos livros didáticos e outros materiais impressos. Vivendo-se, assim, um paradoxo dentro dos muros escolares, tendo-se por um lado alunos conectados com a tecnologia digital e, por outro lado a escola desconectada e despreparada pedagogicamente dessa realidade virtual.

Nesse aspecto da incorporação das novas tecnologias, principalmente a escola pública se mantém com os mesmos recursos pedagógicos e com as mesmas estruturas organizacional e física de décadas atrás. Tornando-se inapta para agregar o uso das tecnologias digitais no contexto escolar, sendo ainda um processo lento na realidade escolar e no currículo.

Assim sendo, a introdução do uso das tecnologias digitais, como meio de proporcionar aprendizagem, tem sido um processo lento e que não produz mudanças significativas no cotidiano e no contexto da cultura escolar. Nessa luz, a historiadora de ensino de História, Selva Guimarães afirma que:



Diante das dificuldades no seio das culturas escolares refratárias às interações e às implicações da nova cultura no processo de ensino e aprendizagem, muitos professores, ainda que reconheçam a importância e a necessidade de aperfeiçoamento, permanecem imersos em outras práticas, realizadas por meios educativos convencionais. (GUIMARÃES, 2012, p.365).

Percebe-se então, que torna-se necessária a introdução de práticas escolares diferenciadas implementadas pelo professor no ensino de História, dentre elas, a incorporação do uso de tecnologias digitais, que Guimarães denomina de “nova cultura” através da tecnologia digital. Essa ineficiência da escola no uso de recursos didáticos dentro da concepção de uso das novas tecnologias vem provocando, cada vez mais tensões entre alunos e professores no processo de ensino e aprendizagem nas escolas da Educação Básica.

Nas primeiras décadas do século XXI, o Brasil e o mundo passam por transformações, com a “[...] difusão crescente de equipamentos, de meios, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIDCs)” (GUIMARÃES, 2012, p. 362). Essas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) vêm avançando rápida e constantemente em muitos setores da sociedade, no entanto para a autora, os profissionais das escolas públicas não estão conseguindo acompanhar o ritmo.

A dificuldade do uso das TDICs no processo de ensino e aprendizagem atinge amplamente os profissionais da educação no ambiente escolar. Contudo, os professores, como os principais agentes do processo de ensino, evidenciam a situação com mais frequência e preocupação. A antropóloga Paula Sibília (2012) no texto: *As subjetividades midiáticas querem se divertir*, faz referência aos autores Cristina Corea e Ignácio Lewkowicz que fazem uma “brincadeira” ao usar a obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire. Consideram que hoje temos que lidar com a “*Pedagogia do entediado*”:

[...] *Pedagogia do entediado*. Não se trata de algo meramente anedótico, porém: a questão do entretenimento se enraíza no cerne de um modo tipicamente contemporâneo de viver e também de exercer o poder. Muitos discursos atuais, inclusive os mais oficiais, parecem coincidir num ponto: aos alunos do século XXI é necessário oferecer diversão. (SIBILIA, 2012 p. 81).

Na “*Pedagogia do entediado*”, temos alunos/adolescentes “entediados”. Assim, nada na escola é atraente, pois demonstram desinteresse em estudar ou nos conteúdos abordados na escola. Mas, segundo Sibília (2012), uso das TDICs não significa que o aluno irá se empolgar



com as aulas na escola e proporcionar um aprendizado significativo por si só. Para Marcos Silva e Selva Guimarães (2012, p. 118) “[...] é sempre necessário relembrar, a cada dia, que o computador é um instrumento de trabalho, que o trabalho de pensamento continua a cargo dos seres humanos, historiadores ou qualquer homem ou mulher.”

Nesse sentido, ao pensar na criação do *Site* Didático a substituição do professor pelas TDICs, pelo contrário, estamos ofertando um subsídio para o professor de ensino de História e também de outras áreas que pretendam trabalhar com a Temática Indígena na Escola.

No *site* Didático – *A Presença de povos indígenas em Vila Maria do Paraguai (1778) e em São Luiz de Cáceres (1874)* – que está hospedado na **Out Host**, com acesso através do link <http://www.vilamariadoparaguai.com.br> –, o professor encontrará informações sobre os povos indígenas Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná, e suas relações com não indígenas durante o povoamento de Vila Maria e a composição da cidade de São Luiz de Cáceres.

Vale lembrar que as produções em destaque no *Site* Didático, partem de releituras de escritas acadêmicas e narrativas de viajantes, etc. Também, encontram-se outras atividades desempenhadas por estas populações nas fazendas e espaços citadinos. Destarte, os fragmentos dessas narrativas de pesquisas acadêmicas e de viagens, em formato documental, podem ser utilizados para tratar os temas do ensino da história e culturas dos povos indígenas em Vila Maria e em São Luiz de Cáceres, conectadas com a História de Mato Grosso no cenário colonial e imperial brasileiro.

Os conteúdos sobre a história e cultura dos povos indígenas de Mato Grosso, em especial da História Local, serão atualizados na perspectiva de trazer à tona novas informações a respeito das relações contemporâneas dessas sociedades, já que seus remanescentes e/ou pessoas missigenadas que se autoidentificam-se como descendentes ou indígenas. O *Site* Didático, com a sua abordagem colabora para este cenário de resgate da configuração étnica, social, econômica da atual cidade de Cáceres (MT).

Em termos de metodologia, o *Site* Didático, além de ser uma ferramenta de ensino do professor, também poderá ser utilizada pelo aluno em atividades pedagógicas orientadas pelo professor, num processo de interação pedagógica.

Para a construção do *Site* Didático, primeiro buscamos informações de profissionais que trabalham com desenvolvimento de *Sites*, o web designer, que foi responsável pela montagem





do portal e inserição das imagens, formatar os textos. Haja vista que, não temos o domínio desta área da tecnologia para criação de um *site*.

A provocação para a construção desta ferramenta didática no ProfHistória surgiu a partir das necessidades que percebi em minha própria formação continuada, enquanto professora de História na Escola Estadual Onze de Março (EEOM), onde há o curso Técnico em Informática no Ensino Médio Integrado à Educação Profissional (EMIEP) e, confesso que tenho muita dificuldade de lidar com essa tecnologia durante as aulas. Por essa razão entramos em contato com os professores da área, no intuito de buscar informações sobre a possibilidade de criar um *Site*.

Diante das informações e orientações, contratamos um profissional técnico e optamos por uma ex-aluna do 3º ano do Curso de Informática, que no início do ano letivo 2020, veio a ingressar no curso de Ciências da Computação da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. A partir da proposta de visibilizar as populações indígenas, por meio de um *site*, à jovem estudante de TDIs ficou empolgada. Ou seja, tivemos mais um passo de uma “*Pedagogia do Oprimido*” para uma “*Pedagoga do Entendido*”, parafraseando Sibília.

Outro fator que contribuiu para a escolha de um *Site* Didático foi a possibilidade de abastecê-lo com novos textos ou atividades no futuro, colocando em evidência a Temática Indígena. Assim como fez o historiador e professor Luiz Gabriel da Silva em sua dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória da Universidade Federal do Paraná - UFPR ao trabalhar a *Repressão e Resistência na Ditadura Civil-Militar: Construção de Site Temático para o Ensino de História Local (Curitiba - PR)*.

Aquele pesquisador também optou por um *Site* para divulgar o resultado de sua pesquisa e contribuir com o ensino de História ao afirmar que:

[...] o modelo digital em detrimento de um material a ser impresso por possuir a vantagem de poder sempre ser alimentado com novas informações que sejam pertinentes, assim podemos aperfeiçoar cada vez mais o *site*. (SILVA, 2018, p. 128).

Desta forma, desenvolvemos o *Site*, pensando que este produto não é o fim. Neste momento, ele finaliza a dissertação de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/UNEMAT). Por outro lado, vejo-o como (re)começo quando retorno para sala de



aula com um aprendizado que pode contribuir para o ensino de História e a implementação da Lei n.º 11.645/08.

9

3. O Site Didático

Escolhemos para pano de fundo do *Site Didático: A Presença de Povos Indígenas em Vila Maria do Paraguai (1778) e em São Luiz de Cáceres (1874)*, ou seja, na página inicial – *Homepage*, uma aquarela intitulada “Vila Maria do Paraguay” de um autor desconhecido e sem data. Esta pintura encontra-se em Portugal, na “Casa de Ínsua”. Além de desenhos elaborados por Hercule Florence e demais fontes iconográficas, que descrevem a cultura material dos Chiquitano, Bororo, Guató e Guanã.

Figura 01 – Apresentação do *Site Didático: A Presença de Povos Indígenas em Vila Maria do Paraguai e São Luiz de Cáceres (1778 -1874)*



Fonte: Página inicial do *Site Didático* /Luciana M. O. Costa /2020.



De acordo com as pesquisas de Maria de Fatima Mendes Lima Moraes (2003), a descrição de uma cena no final do século XVIII, apresenta os seguintes signos:

[...] nela observa-se um esboço de um espaço livre no centro da Vila. Em primeiro plano, distinguem-se duas embarcações, uma à esquerda, com várias pessoas com características de remeiros e soldados. Na parte dianteira está hasteada uma bandeira com um desenho ao centro. Na cabina, através da janela, percebe-se a presença de duas pessoas, uma delas portando um chapéu. À direita verifica-se outra embarcação mais despojada, com duas pessoas sentadas, uma à frente e a outra na parte traseira, a remar. Os dois portam chapéus de abas alongadas. Existem várias pessoas à margem do rio, pelo grande pátio e às portas e janelas das casas. Há um casal à direita e várias outras pessoas usando apenas calções, sem camisa, e usando vestimentas coloridas. Alguns portam bengalas. O cotidiano do lugarejo salta aos olhos, expressa-se na disposição do elemento humano, no desenho com trabalhadores conduzindo mercadorias em fardos, cestos e varas. Identifica-se a presença de uma ave com aparência de galinha em meio aos transeuntes. As casas térreas, todas pintadas de branco, estão situadas à direita e à esquerda do espaço central, apenas algumas ficam ao fundo, na mesma perspectiva, e mais ao centro estão a igreja e um grande mastro com uma bandeira (COSTA, 2003, p. 79).

Pela descrição da aquarela feita pela autora, imaginamos os primeiros anos de Vila Maria e o seu cotidiano no final do século XVIII. Na cena, as pessoas que estavam na margem do rio Paraguai, provavelmente tratavam-se de povos origem indígenas. Contudo, quais povos indígenas seriam esses?

Em consonância com a Ata de Fundação de Vila Maria, vemos que esta nos fornece algumas informações cruciais sobre os primeiros habitantes quando cita “[...] casaes de índios castelhanos proximamente desertados para este Dominios Portuguezes da Província de Chiquitos, que fazem o numero de 78 individuos [...]” (COSTA, Domingos [1778], *apud* MENDES, 2009, p. 27).

Então, podemos afirmar que eram os povos indígenas da Província de Chiquitos? Tudo indica que sim, pois os Chiquitano foram acolhidos pelos governantes portugueses à época da Fundação de Vila Maria cocomitantemente, cuja oportunidade deu-se para residirem nesse espaço que faz parte do processo de expansão da fronteira Oeste. Fato este, que também foi comprovado e/ ou atestado pelo o viajante Hercule Florence (integrante da expedição Langsdorff), que visitou o império brasileiro entre os anos de 1822 a 1829.

Na ocasião do período da expedição, Florence visitou Vila Maria em 1827, quando descreveu os habitantes como “[...] seis ou sete homens brancos e trezentos *Caburés*



descendentes de índios aldeados [...] homens e mulheres andam nus de cintura para cima.” (FLORENCE, [1827], 1977, p. 200).

Em Vila Maria, Florence também testemunhou a presença dos indígenas Bororo, elaborando várias ilustrações (pinturas) retratando a circulação de índios Bororo, além de narrar várias situações do cotidiano da vila. Por exemplo, narrou um encontro com um grupo dos indígenas Bororo na barranca do rio Paraguai, quando estavam esperando algumas canoas que o levariam para conhecer o “Marco do Jauru”. Contou “[...] De repente anunciou-se o som da corneta a chegada dos Bororós [...]” (FLORENCE, [1827], 1977, p. 201).

Diversos relatos e/ou documentos escritos na época, dão conta de que o povo indígena Bororo estava presente nessa região e fazia parte do “Projeto de Colonização” a sua integração para povoar a fronteira oeste. A historiadora Maria Regina Celestiano de Almeida (2010, p.71) menciona em *Os Índios na História do Brasil*, que eles “deveriam ocupar os espaços conquistados e contribuir, como mão de obra, para a construção das sociedades coloniais”.

Desta forma, o *Site* com endereço eletrônico www.vilamariadoparaguai.com.br terá várias informações sobre Vila Maria e São Luiz de Cáceres e os povos indígenas Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná, conforme mostra abaixo/vemos a seguir:

Figura 02: A diversidade dos povos indígenas em Vila Maria e São Luiz de Cáceres



Fonte: Página inicial do *Site* Didático /Luciana M. O. Costa /2020.

Nesse aspecto, o professor terá informações sobre parte da História Local a partir da presença e participação desses indígenas em sua configuração. Os diversos “links” darão acesso as fontes historiográficas como: artigos, dissertações, teses, livros e documentos como: Ata de Fundação de Vila Maria, e desenhos elaborados pelos viajantes Hercule Florence e Francis Castelnau, quando visitaram e representaram aspectos da vida e da população de Vila Maria em relatos e imagens.

Figura 03: História de Vila Maria e São Luiz de Cáceres e História e Culturas Indígenas



Fonte: Página inicial do *Site Didático* /Luciana M. O. Costa /2020.

A partir do momento que professor acessar o *Site Didático*, além das informações da História de Vila Maria e São Luiz de Cáceres, também poderá acessar a história de cada um dos povos indígenas: Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná.

Basta um “clique” na sessão de “Povos indígenas” e escolher qual dos quatro povos indígenas deseja estudar ou conhecer. Abrindo o link pode pesquisar naquele momento, conforme indica a figura abaixo:

Figura 04: Povos indígenas Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná



Fonte: Site Didático /Luciana M. O. Costa /2020.

Nestas sessões/páginas do *Site* Didático, encontram-se os dados sobre cada um dos quatro povos indígenas indicados. Começando por uma breve história, seguida de algumas informações da atualidade. A maior parte das informações estão por períodos: colonial e imperial, ou seja, desde os primeiros contatos dos indígenas com os portugueses e espanhóis, entre 1778 e 1874.

A dissertação do Mestrado ProfHistória que defendi foi que resultou neste *Site*/Página e está inserida nessas sessões também. Assim como, as demais produções historiográficas utilizadas como pesquisas bibliográficas sobre cada um dos povos indígenas estudados.

Se o professor pretende se aprofundar e ampliar sua pesquisa no *Site* de forma mais abrangente sobre os povos indígenas, encontra-se à sua disposição, um Link com outras *Páginas*. Poderá acessar com um “*clic*” e terá páginas com várias “*produções acadêmicas*” e “*produções bibliográfica*” com *links*. Basta clicar em cima e acessar a página onde poderá ter acesso à produções como: artigos, dissertações, teses e obras historiográficas referentes aos Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná e outros.

A exemplo dos conteúdos, o professor terá acesso aos relatos dos viajantes Hércule Florence na **Viagem do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**, e Francis Castelnau, com a obra **Expedição às Regiões Centrais da América do Sul**, que segundo José D’Assunção Barros

(2019) são consideradas fontes históricas. Assim como, a produção historiográfica de Circe Maria Bittencourt e Elisa Maria Ladeira (2000) – **A História do Povo Terena**, entre outras inúmeras opções que o professor poderá acessar para realizar suas pesquisas.

O Professor e o público em geral também encontrarão produções acadêmicas, como: a dissertação de José Afonso Botura Portocarrero (2001) **Báí, a casa Bóe: Báí, a casa Bororo: uma história da morada dos índios Bororo**, que estudou a habitação dos Bororo. Analisando o significado da casa Bororo na espacialidade da aldeia.

Ainda, terão acesso à tese de doutorado da antropóloga Renata Bortoletto Silva (2007), **Os Chiquitano de Mato Grosso: um estudo das classificações sociais em um grupo indígena de fronteira Brasil – Bolívia**, uma pesquisa bibliográfica e etnográfica à respeito das formas de socialidade dos Chiquitos, grupo indígena da família linguística Chiquitano que habita a região da fronteira de Mato Grosso com a Bolívia.

Para ter acesso a essas e outras produções acadêmicas e obras bibliográficas basta abrir a página e clicar no *link* que o professor escolher, conforme figura a seguir:

Figura 05: Fontes historiográficas dos povos indígenas: Chiquitano, Bororo, Guató e Guaná



Fonte: Site Didático /Luciana M. O. Costa /2020.

Nessa sessão oportunamente encontra-se um link com sugestões de documentários sobre a temática indígena. O professor pode acessar a página “*sugestões de documentários*” que são produções em vídeo, bem como indicação de *links* onde pode clicar sobre os povos indígenas e ter acesso ao documentário/vídeo que está disponível na internet. Tais como:

Rituais e festas Borôro 1917– que são registros cinematográficos da Comissão Rondon (CR), sendo o Major Reis incumbido de realizar um filme sobre os rituais Bororo. Reis relata que iniciou a filmagem assim que chega à Colônia de São Lourenço, posto do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em Mato Grosso.

Manuel Chiquitano Brasileiro – que focaliza uma busca dupla: a luta de um homem solitário que percebe ser necessário ter documento de identidade para alcançar a nacionalidade brasileira, mesmo sendo ele um índio.

Também para ter acesso à estas sugestões expostas, basta abrir a página e clicar no *link* que o professor escolher, conforme abaixo:

Figura 06: Documentários dos povos indígenas: Chiquitano, Bororo, Guaná e Guató.



Fonte: Site Didático /Luciana M. O. Costa /2020.

Para maior comodidade do professor interessado, O *Site Didático* terá inúmeras outras sessões e páginas voltadas para o questões relativas aos povos indígenas. Além disso,o

professor poderá utilizar as referências bibliográficas que contribuam melhor com a sua didática para o ensino da Temática Indígena na Escola.

No *Site Didático* disponibilizaremos um espaço “*Sugestões de Atividades*” a respeito da Temática Indígena como apoio ao professor em sala de aula, principalmente no ensino da história e cultura indígena e da conformidade da Lei n.º 11.645/08.

Essas “*Sugestões de Atividades*” serão renovadas a partir das experiências pessoais e de outros professores da rede pública de ensino que se interessem em compartilhar no *Site* suas experiências e trabalhos referentes aos povos indígenas.

Assim, o *link* (página)/*Site Didático* deixa de ser um produto final (além da dissertação) junto ao Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória para ser uma ferramenta prática do ensino da Temática/História Indígena.

Em síntese, a construção do *Site Didático* será uma espécie de “*plataforma digital*”, abastecida constantemente com novas publicações de professores e alunos da EEOM e outras escolas. Além de outras contribuições institucionais e educacionais, sendo um espaço democrático para divulgação de trabalhos referentes à Temática Indígena, assim como, incluirá novas fontes historiográficas. Com isso, o *Site Didático* poderá ser produtivo pedagogicamente para o professor e o aluno, contribuindo com o ensino e aprendizado da história local e seus sujeitos históricos.

4. Ações simples podem levar ao aprendizado: orientar os alunos a pesquisar em Sites Didáticos.

Como dissemos, o uso das TDCIs não significa o ensino e aprendizado do aluno por si, como ressaltou Selva Guimarães (2012). As máquinas e a internet não substituem o professor, mas podem contribuir para o ensino e a aprendizagem, desde que o professor busque sempre se qualificar sobre o uso de TDCIs em sala de aula.

Nessa perspectiva, algumas “sugestões simples” que podem contribuir com o professor no momento em que propõe trabalhar a *História Temática* com seus alunos através de pesquisas *online/internet* em *sites*. Estas sugestões foram compiladas de Selva Guimarães (2012) em sua obra “Didática e Prática de Ensino de História”, no subtítulo: “**Tecnologias digitais de**

comunicação e informação”; José Manuel Moran (1997), no artigo “Como utilizar a Internet na educação” e Jussara Caetano (2013), no texto “Como orientar o trabalho de pesquisa dos alunos utilizando a Internet”, além da minha experiência em lidar com adolescentes e jovens ao longo da carreira profissional em escolas públicas. Para ilustrar, temos o quadro a seguir.

Quadro 01: Sugestões de ações de como o professor pode proceder uma pesquisa por *site/internet*

Nº	Ações	Formas e objetivos das ações
01	Problematizar as TDCIs	- Questionar as mudanças provocadas pelas TDCIs no cotidiano de cada um, desde a organização do modo de viver e a organização do tempo. Assim como, fazer um levantamento do conhecimento que os alunos têm sobre TDCIs. - Isto é importante professor, às vezes acreditamos que os alunos sabem tudo e principalmente tem acesso a todas as tecnologias.
02	Orientar o uso e-mail pessoal	- Muitos alunos têm e-mail, simplesmente para acessar as redes sociais, mas não sabem usar para as atividades escolares. Tem alunos que não sabem enviar mensagens e principalmente arquivos anexos. - Para fazer pesquisa é importante o aluno saber usar e-mail, principalmente quando ele não tem acesso à internet em casa. Se realizar a pesquisa no laboratório de informática da escola ou em outro local, deve ser orientado a baixar o material se tiver disponível e enviar para seu e-mail, como por exemplo, um artigo e depois baixar no seu celular o arquivo, e poderá ler sem precisar da internet. - Muitos podem achar esta ação citada acima simples, mas tem alunos que realmente não sabem lidar com um simples e-mail. Uma realidade que deparo constantemente em sala de aula.
03	Sugerir sites confiáveis para pesquisa	- Antes de passar a pesquisa o próprio professor tem que fazer um levantamento de <i>Sites</i> confiáveis, não precisa sugerir um número grande de <i>sites</i>, dois ou três. Isto não significa que o aluno não possa buscar outros <i>sites</i> para realizar a pesquisa. - Mas o aluno pode questionar o que é <i>Site</i> confiável? - O professor pode sugerir e explicar: <i>Sites</i> de bibliotecas virtuais, revistas, jornais e instituições com credibilidade são boas fontes. Optar por <i>sites</i> governamentais (.gov), de instituições sem fins lucrativos (.org.) e universidade (.edu). - Outro fator é que nem sempre os links que aparecem primeiro são os mais confiáveis, as ferramentas de busca têm seus próprios critérios para mostrar os <i>sites</i>.
04	Temas recentes	- Oriente os alunos quando procurar notícias ou informações recentes, verifique sempre a data de publicação, pois poderá encontrar muitas informações desatualizadas.
		- Quando o aluno tem clareza ou encontra valor no que vai pesquisar, procederá com mais rapidez e eficiência. Por isso, o professor precisa estar atento, porque a tendência na Internet é para a dispersão fácil, quando navega na internet, muitas portas se abrem e o aluno corre o risco de se perder, desviando para outros caminhos ou até mesmo muitas informações. O intercâmbio constante de resultados e a supervisão do professor podem ajudar a obter melhores resultados. - Um aprofundamento dos resultados pesquisados, os alunos devem fazer uma análise das páginas pesquisadas comparar com outras fontes se possível (livros, revistas, jornais), anotar o que houve demais significativo e o professor pode e deve fomentar/questionar as pesquisas que estão sendo realizadas até em então.

05	Sensibilizar o aluno	– Um erro que o professor geralmente comete é não “acompanhar o processo de pesquisa” dos alunos. Muitas vezes o professor define o tema da pesquisa, forma os grupos e dá um prazo razoável para os alunos realizarem as pesquisas e entregarem, e assim apresentar no dia marcado. – Mas para o trabalho se tornar mais significativo para o aluno durante o processo, marque reuniões separadas com os grupos ou individuais, faça perguntas sobre o desenvolvimento da pesquisa, questione, tire as dúvidas sobre algumas questões da pesquisa, procure orientar para explorar nos textos que estão sendo usados para os trabalhos. – Neste acompanhamento, permite o aluno “não relaxar” na pesquisa, deixando tudo para última hora (algo comum nos jovens e até mesmo nos adultos). – Além de ser uma ação que permite o professor verificar aqueles alunos que não estão comprometidos com a pesquisa e alertá-los da importância do trabalho. – E o mais importante, passa uma imagem (de você) que o professor irá cobrar os resultados da pesquisa e não vai ter tantas “desculpas” para dizer para o professor que não realizou o trabalho.
06	Entrega da pesquisa/trabalho e avaliação	– Professor, não aceite cópias, ensine fazer citações. Valorize os trabalhos com “erros grosseiros” de escrita ou formatação do trabalho. Erros é uma prova que os trabalhos não foram copiados ou apenas impressos. Claro que deve apontar os erros, mas elogie, ele fez. – Mostre para seu aluno que você conhece a diferença de um trabalho copiado na internet e quando ele escreve. – Devolva os trabalhos com as observações. Se o seu tempo não permite uma correção detalhada em determinados trabalhos. Faça a opção de avaliar somente o empenho dos alunos na pesquisa e as apresentações. Não optar para entregar os trabalhos escritos. – Uma sugestão, muitos alunos não sabem digitar, se a escola tem Laboratório de Informática, dependendo do tempo, programe aulas sem internet. Faça o aluno digitar o texto, durante a aula dê dicas individuais ou para a turma de como digitar seu texto do trabalho pesquisado. Muitos não sabem lidar com editor de texto. Ensine. – Se você observar, na sala que tem alunos com esta habilidade (digitar), converse com eles para serem monitores e auxiliarem nesta atividade.
07	Apresentações e avaliação	– Fazer trabalho que envolve pesquisa na área de ensino de História é importante que você professor solicite do aluno ou dos grupos de alunos um resultado final da pesquisa e a socialização da pesquisa. – A socialização dos trabalhos para adolescentes e jovens é importante e ao mesmo tempo garante que a pesquisa não foi uma simples cópia da internet. – A socialização permite um aprofundamento dos resultados pesquisados, também é importante nas aulas de história um diálogo/discussão/debate entre todos os resultados finais das pesquisas de cada grupo ou alunos. – Esta socialização pode ser feita de várias maneiras, depende do professor o tempo que ele tem naquele momento e da própria turma. – A avaliação de uma apresentação da pesquisa, o professor pode avaliar todo o processo, desde o início da pesquisa. E pode dividir em 02 momentos, o grupo como um todo (metade da nota) e individualmente cada aluno que apresentou (a outra metade da nota).

Fonte: sugestões de acordo com minha vivência em sala de aula em escolas públicas e sugestões de José Manuel Moran (1997), Selva Guimaraes (2012) e Jussara Caetano (2013).

Finalizamos, com uma citação de Anita Lucchesi e Dilton C. S. Maynard (2019, p. 184) no artigo “*Novas Tecnologias*”, ao se referir à realidade que as escolas enfrentam no seu cotidiano, em que a tecnologia está cada vez mais presente em todos os lugares e afirmaram que “O desafio está, posto, a realidade nos convida a experimentar. O que resta aos professores de história? Mãos aos teclados!”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2010.

BARROS, José de Assunção. **Fonte histórica: Introdução aos seus usos Historiográficos**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Elisa Maria. **A História do Povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

CAETANO, Jussara. Como orientar o trabalho de pesquisa dos alunos utilizando a Internet. Instituto Paramitas. São Paulo, 17 de out. 2013. Disponível em: <<https://institutoparamitas.org.br/web/noticias.php?id=4622>> Acesso em: 11 maio 2020.

CASTELNAU, Francis. **Expedição às Regiões Centrais da América do Sul**. Trad. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1949, 2 vls.

FLORENCE, Hércules. **Viagem do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**. Trad. Editora Cultrix, Universidade de São Paulo, 1977.

LUCCHESI, Anita; MAYNARD, Dilton. Ferreira Moraes Marieta; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. (Org.) **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

GOMES, Irene; MARLI Mônica. **As cores da Desigualdade**. Retratos a Revista do IBGE, Rio de Janeiro, IBGE, 2018, nº 11. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/17eac9b7a875c68c1b2d1a98c80414c9.pdf. Acesso em: 11 de maio 2020.



GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História**. 13 ed. Campinas: Papirus, 2012.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a Internet na educação**. Ciência da Informação, V. 26, n. 2, 1997. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/700/709>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

PORTOCARRERO, José Afonso Botura. **Bái, a casa Bóe: Bái, a casa Bororo: uma história da morada dos índios Bororo**. Cuiabá, MT. 2001. Dissertação (Mestrado em História), ICHS-UFMT.

SIBILA, Paula. O desmoronamento do sonho letrado: inquietação, evasão e *zapping*. In: SIBILA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, pp. 63-92.

SILVA, Marcos; GUIMARÃES, Selva. **Ensinar História no Século XXI: Em busca do Tempo Entediado**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

SILVA, Renata Bortoletto. **Os Chiquitano de Mato Grosso: um estudo das classificações sociais em um grupo indígena de fronteira Brasil – Bolívia**. São Paulo, SP. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Universidade de São Paulo – USP.

